

13/01/2016 às 05h00

Enfrentando a realidade do clima

Por Adair Turner

No ano passado, três fatos sobre as mudanças climáticas tornaram-se claros: é essencial implementar uma economia com baixa geração de carbono; novas tecnologias tornam esse objetivo atingível a um custo aceitável; mas apenas progresso tecnológico, sem fortes políticas públicas, será insuficiente.

As condições meteorológicas extremas em dezembro - grandes inundações na América do Sul, nos EUA e no Reino Unido, e muito pouca neve nos Alpes - refletiu, em parte, o forte El Niño deste ano (provocado pela água mais quente do Oceano Pacífico na costa do Equador e do Peru). Mas o aumento na temperatura da superfície do planeta aumentará a probabilidade e a gravidade desses padrões climáticos, e 2015 - o ano mais quente já registrado - confirmou que as emissões humanas de gases causadores do efeito estufa estão causando mudanças climáticas significativas. A temperatura média das superfícies terrestres está agora cerca de 1° C acima dos níveis pré-industriais.

Face a essa realidade, o acordo sobre o clima obtido em Paris no mês passado representa uma reação valiosa, porém ainda insuficiente. Todas as principais economias comprometeram-se a reduzir as emissões abaixo dos níveis habituais, mas a combinação de compromissos nacionais provavelmente resultará em um aquecimento de quase 3° C acima dos níveis pré-industriais - uma perspectiva aterrorizante, dadas as consequências adversas já evidentes resultantes do aumento de 1° C.

Seremos capazes de produzir energia de baixo carbono mais barata para fomentar crescimento sustentado e prosperidade; o que é menos assegurado é se essa energia será mais barata do que os combustíveis fósseis a tempo de evitar o desastre climático

Limitar o aumento mundial da temperatura a 2° C (a meta visada em Paris), que dirá para limitar o aquecimento mundial a 1,5° C (uma aspiração que foi também confirmada), exigirá que as emissões em 2030 sejam cerca de 20% menores do que prevêm os compromissos nacionais combinados. Além disso, isso demandará novas reduções, após 2030, que assegurem progresso em direção posterior visando emissões líquidas zero de carbono na segunda metade deste século.

Mas 2015 também produziu mais evidências de que podemos implementar uma economia mundial com baixa, ou até mesmo nula, produção de carbono, sem sacrificar o crescimento ainda necessário para tirar milhões de pessoas da pobreza. A energia eólica tem hoje um custo competitivo em muitos lugares, e os custos da energia solar continuam a despencar - tendo caído em torno de 70% desde 2008. Rápidas reduções de custos também estão sendo alcançadas em baterias e outras tecnologias de armazenamento de energia, trazendo os carros elétricos para mais perto de sua viabilidade econômica e viabilizando a oferta de eletricidade, mesmo onde um grande percentual de energia é originado de fontes intermitentes.

Essas e outras tecnologias permitirão que a transição para economias de baixo carbono seja efetivada a um custo aceitável. Estimativas da Agência Internacional de Energia (AIE) sugerem que num cenário de "novas políticas" de modo geral comparável aos compromissos nacionais consagrados no Acordo de Paris, o mundo teria que investir US\$ 68,3 bilhões em sistemas relacionados com energia entre agora e 2040.



Mensagens dos leitores

Samarco

E a mineradora Samarco não cumpriu o prazo determinado pela Justiça mineira para entregar o plano emergencial em caso de ruptura das suas barragens em Mariana (MG). A empresa, controlada pela Vale e pela anglo-australiana BHP, deveria ter apresentado o plano que projeta todos os cenários de eventual rompimento das barragens de Santarém e Germano até...

13/01/2016 às 05h00 - Luísa Maciel -

Retrato

O processo recessivo, que se iniciou em 2014, aliado ao fraco desempenho da economia, à inflação em alta, à falta do ajuste fiscal, à perda do grau de investimento, ao nocaute do setor produtivo, à elevadíssima taxa de juros, ao fechamento de empresas, às demissões em massa, à já instalada crise social, à péssima situação financeira das prefeituras e...

13/01/2016 às 05h00 - José Carlos Saraiva da Costa -

Despertar do dragão

A inflação anual de dois dígitos demonstra que esse governo fez um mal danado ao Brasil e aos brasileiros, que desde o fim do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso não viam variação de preços tão robusta. Agora a presidente Dilma certamente terá de se esforçar bastante se não quiser passar para a história como a presidente...

13/01/2016 às 05h00 - Turíbio Liberatto -

Ver todas | Envie sua mensagem

Opinião

Últimas Lidas Comentadas Compartilhadas 13/01/16 20:30

Em contraste, num cenário compatível com a limitação do aquecimento a cerca de 2°C, o investimento necessário seria US\$ 74,6 trilhões. Em comparação com um PIB mundial anual de US\$ 74 trilhões, o incremento de US\$ 6 em investimento ao longo de 25 anos constitui apenas um pequeno ônus econômico.

Reduzir o investimento em combustíveis fósseis reflete a realidade de que se o mundo estiver realmente considerando seu objetivo máximo de 2°C, dois terços das reservas conhecidas precisarão ser deixadas permanentemente no subsolo. E menores investimentos viriam acompanhados por um declínio nas receitas acumuladas de combustíveis fósseis num montante de até US\$ 34 trilhões mais do que no cenário de "novas políticas" da AIE, devido não só aos volumes mais baixos de petróleo, gás e carvão consumidos, como também a preços significativamente mais baixos.

E é aí que reside o problema. Um barateamento do petróleo, carvão, e gás reduziria os incentivos ao desenvolvimento e implantação de tecnologias de energia renováveis, ou focada em melhorias de eficiência energética. E em vista do progresso tecnológico contínuo visando reduzir os custos de extração, os combustíveis fósseis poderão, por vezes, continuar baratos em relação a alternativas de baixo carbono. Certamente seremos capazes de produzir energia de baixo carbono suficientemente mais barata para fomentar crescimento econômico sustentado e prosperidade; o que é muito menos assegurado é se [essa energia] será mais barata do que os combustíveis fósseis em prazo suficientemente curto para evitar o desastre climático.



Nos últimos seis anos, o preço do petróleo subiu de US\$ 77 o barril, em janeiro de 2010, para mais de US\$ 100 no período de 2011 a 2014, antes de cair para menos de US\$ 40 devido ao excesso de capacidade (criado, em parte, por investimentos estimulados pelos preços elevados). Os preços do gás e do carvão têm seguido um padrão semelhante. Esse

padrão de fortes altas seguidas de quedas bruscas poderá, muito bem, persistir.

Com efeito, entramos em 2016 com uma gasolina mais barata, o que enfraquece o incentivo para isolar termicamente as moradias. Uma abordagem puramente de livre mercado para a transição energética necessária produziria progressos insuficientes na redução de emissões e deixaria para trás grandes ativos ociosos,

Severas intervenções de políticas públicas são essenciais para apoiar uma transição energética adequadamente rápida que seja tão eficiente quanto possível. Maior apoio governamental a pesquisa e desenvolvimento de tecnologias cruciais - especialmente de armazenamento de energia - é necessário para impedir que movimentos de curto prazo nos preços de combustíveis fósseis comprometam o impulso da transição.

A iniciativa Missão Inovação, anunciada em Paris, que compromete 20 importantes países a duplicar seus esforços de P&D envolvendo energias limpas, é um passo adiante vital a esse respeito. Mas um compromisso claro por parte dos formuladores de políticas para assegurar um preço de carbono em constante aumento também é necessário.

O progresso tecnológico torna possível construir uma economia de baixo carbono; mas sem o apoio de vigorosas políticas públicas, os eventos climáticos extremos registrados em dezembro de 2015 parecerão triviais em comparação com o prejuízo que as alterações climáticas trarão posteriormente. **(Tradução de Sergio Blum).**

Adair Turner, ex-presidente da Autoridade de Serviços Financeiros do Reino Unido e ex-membro da Comissão de Política Financeira do Reino Unido, é presidente do Instituto para o Novo Pensamento Econômico. Copyright: Project Syndicate, 2016.

www.project-syndicate.org

05h00

Matemática previdenciária

05h00

Contas públicas e inflação

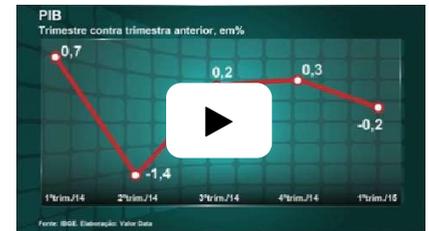
05h00

Enfrentando a realidade do clima

05h00

Ver todas as notícias

Vídeos



PIB do 1º trimestre indica que recessão mal começou
08/06/2015



